

# Arte Total: o pintor-decorador José Maria Villaronga

Ana Claudia de Paula Torem<sup>1</sup>

 0000-0002-6167-4573

*Como citar:*

In: ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ARTE, 15, 2021, virtual. **Atas do XV Encontro de História da Arte**. Campinas: IFCH/UNICAMP, n. 15, 2022.

DOI: 10.20396/eha.15.2021.4639

## Resumo

O presente trabalho propõe-se a apresentar a dupla trajetória artística do pintor José Maria Villaronga, que imigrou da Espanha para o Brasil, em meados do século XIX. Sua vida profissional, porém, não se desenvolveu na Corte, mas no Vale do Paraíba, onde encontrou o ambiente sociocultural e econômico ideal, para iniciar sua próspera carreira. Mudou-se, depois, para a província paulistana, alargando o sucesso e o prestígio adquiridos, sendo constantemente enaltecido, nos periódicos oitocentistas.

**Palavras-chave:** Pintura decorativa. Villaronga. Trajetória. Império.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em História pela UniRio (bolsista Capes). Pintora-Decoradora.

## Introdução

José Maria de Villaronga y Planella (Barcelona, 1819 – São Paulo, 1894) foi protagonista ativo em diferentes ramos da arte e da arquitetura, ao longo de sua vida profissional. Trabalhou como pintor-decorador, dourador, encarnador, arquiteto, engenheiro, empreiteiro, cenógrafo, além de empresário e comerciante de tintas. Na decoração mural, foi desses artistas cujo pincel abrangia as mais variadas tipologias, executando suas obras com impecável acabamento, tanto no *trompe l'oeil* de objetos e nos *bodegones*,<sup>2</sup> quanto nas arquiteturas ilusionistas, pinturas de paisagens, jardins, nas ornamentações da fauna e flora, ou no *faux marbre* e *faux bois*.<sup>3</sup>

A proposta deste trabalho é oferecer um panorama da ampla obra villaronguiana, a qual foi produzida ao longo de duas campanhas artísticas, durante a segunda metade do século XIX. Dentro do referido recorte temporal, o itinerário de Villaronga estaria bem desenhado em dois momentos e locais distintos: o primeiro, no Vale do Paraíba durante o apogeu do café, quando suas decorações pictóricas foram realizadas para uma fração de classe senhorial, que vivenciou os louros da cultura, da sociabilidade e do poder econômico proveniente do café e da mão-de-obra escrava. O segundo momento marca a afirmação do catalão na província paulistana, inicialmente em Campinas, no Oeste Paulista, depois na capital São Paulo, cidades onde o artista encontrou um novo campo de possibilidades profissionais.

## A Primeira Campanha do Pintor-Decorador, 1850 – 1871

Em 1855, a vila de Valença, importante centro produtor cafeeiro do Vale do Paraíba fluminense, contava apenas com três pintores: Joaquim Barbosa de Mattos, José Maria Villaronga e Manoel Lourenço dos Santos, dentre os quais, Villaronga era o mais notório, visto que já havia realizado com sucesso, os murais da Igreja da Sacra Família do Tinguá, as pinturas decorativas da Fazenda do Paraízo, da Fazenda São Felipe, além das iluminações para os festejos de 7 de setembro em Valença. No mesmo ano de 1855, publicou o que parece ter sido seu primeiro anúncio autopromocional. Dizia: “José Maria Villaronga,

---

<sup>2</sup> O *trompe l'oeil* é um tipo de pintura ilusionista que através das técnicas de sombra-luz permite criar um efeito visual simulando a falsa noção de realidade; os *bodegones* foram na Espanha do século XVI, um típico gênero de naturezas-mortas, como mantimentos, frutas, verduras, caça, bebida, e objetos de uso cotidiano como vasos de flores e fruteiros, representado em copas, cozinhas e tabernas. Sobre o *trompe l'oeil* Cf. CALABRESE, Omar. *L'Art du Trompe L'oeil*. Traduit de l'italien par Jean-Philippe Follet. Paris: Éditions Citadelles & Mazenod, 2010.

<sup>3</sup> O *faux-marbre* e o *faux-bois* são tipologias especificamente de pintura decorativa, cuja técnica simula falsos materiais como mármore, madeira ou pedra. Todas estas tipologias foram largamente utilizadas por Villaronga em seus projetos decorativos para as fazendas do Vale do Paraíba. Sobre o *faux marbre* e o *faux bois* Cf. KELEN, Denise Van Der. *La peinture décorative selon Van Der Kelen*. Turin: Éditions Vial, 2009.

pintor, encarnador, dourador, encarrega-se de qualquer obra em Valença, em qualquer lugar da comarca, ou fora dela...”<sup>4</sup> Parece claro, que o pintor-decorador planejava expandir seus negócios para além de Valença, e até mesmo da província fluminense. [Figura 1]

De fato, a partir de então, traçaram-se as redes de relacionamentos, através das quais Villaronga pôde granjear a abastada clientela residente no vale paraibano: os potentados fazendeiros de café e suas famílias. Nos parece, que, a prática recorrente de casamentos realizados entre dois núcleos familiares ou dentro de uma mesma família, sobretudo para adquirir prestígio, preservar a honra e a fortuna dos nomes envolvidos,<sup>5</sup> possa ter favorecido consideravelmente, as indicações através das quais, Villaronga foi alargando sua cartela de clientes. [Figura 2]

Por volta de 1856, trabalhou em Vassouras, pintando os salões da majestosa “granja moderna”<sup>6</sup> dos Correia e Castro, a Fazenda Secretário, e em 1858 pintou quase todos os espaços internos da Fazenda Resgate, em Bananal, pertencente a Manoel de Aguiar Vallim, um dos maiores produtores de café da região. Os últimos anos da década de cinquenta foram marcados por um intenso ritmo de labor artístico, visto que Villaronga retornava em 1859 para Vassouras, afim de pintar a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição e o palacete urbano do Barão de Itambé.



**Figura 1:**  
José Maria Villaronga,  
**pintura mural decorativa**, sala de jantar da Fazenda Paraíso, 1852 (?), Valença, Rio de Janeiro.  
Acervo e autoria: Ana Torem.

<sup>4</sup> Município de Valença, Freguesia de São Lourenço. **Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro**. Ano 1855\Edição 00012 (2). Fonte: Hemeroteca Digital da BN. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=313394x&pasta=ano%20185&pesq=Villaronga&pagfis=8741> Acessado: 15 maio 2020. 318

<sup>5</sup> MUAZE, Mariana. **O império do retrato: família, riqueza e representação no Brasil oitocentista (1840 – 1889)**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em História. Área de concentração: História Moderna e Contemporânea, 2006, p. 51 – 87.

<sup>6</sup> RIBEYROLLES, Charles. **Brazil Pittoresco**. Vol. I, Rio de Janeiro, Typographia Nacional, 1859, p. 98.

**Figura 2:**

José Maria Villaronga, **pintura mural decorativa**, salão da Fazenda Secretário, 1856/1857 (?), Vassouras, Rio de Janeiro. Acervo e autoria: Ana Torem.

A década seguinte não seria diferente. No final de 1860, a família mineira Fortes de Bustamante, contratou os serviços de Villaronga para as pinturas e decorações da Igreja Matriz de Nosso Senhor dos Passos, na vila do Rio Preto, distante apenas quatro léguas de Valença. Pouco depois, em 1862, Maria Joaquina de Almeida, sogra do comendador Vallim, contratou Villaronga para a construção e decoração interna de outra igreja, a Matriz do Senhor Bom Jesus do Livramento, no Bananal. A obra foi realizada com primazia, já que o projeto envolveu habilidades não só de pintor, mas também de arquiteto e escultor, ou melhor, de uma artista completo, conforme relatado por um admirador bananalense em 1862:

Já se vê que, cabendo só a este senhor o trabalho todo do grosso e fino desta obra, mostrou ele ser um artista neste gênero universal, já delineando o trabalho de arquitetura e fazendo-o realizar sob seu compasso, já fazendo esculturas em alto e baixo relevo, já pintando, dourando e decorando, trabalhos estes que só por muitos e especiais artífices poderão ser executados.<sup>7</sup>

<sup>7</sup> Cidade do Bananal, 27 de maio de 1862. **Jornal do Commercio**, Ano 1862\Edição 00151 (1). Hemeroteca Digital da BN. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=364568\\_05&pasta=ano%201862&pesq=%22cidade%20de%20Banal%22&pagfis=3771](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=364568_05&pasta=ano%201862&pesq=%22cidade%20de%20Banal%22&pagfis=3771) Acessado em: 20 março 2021.

Além da igreja, Villaronga teria pintado na mesma época, vários sobrados urbanos no centro de Bananal, entre os quais, o do comendador Vallim e o de D. Maria Joaquina de Almeida. É provável, que, o pintor tenha ficado na cidade por cerca de três anos, tendo, então, retornado à Valença, onde iria realizar obras de calçamento nas ruas da cidade, durante os anos de 1867 e 1868.<sup>8</sup> [Figura 3]



**Figura 3:**

José Maria Villaronga, **pintura mural decorativa**, sala de jantar da Fazenda Resgate, 1858, Bananal, São Paulo. Acervo e autoria: Ana Torem.

Em 1869, o catalão fora contratado para encarregar-se das obras da igreja matriz de Juiz de Fora, por uma quantia de 30:000\$000.<sup>9</sup> No entanto, não se sabe o porquê, abandonou os serviços já iniciados para retornar ao Bananal, afim de conduzir as reformas da Matriz do Senhor Bom Jesus do Livramento, que ele mesmo havia construído em 1862. Assim, de volta a esta cidade, Villaronga empreitou uma dupla

<sup>8</sup> LIMA, Roberto Guião de Souza. Notas sobre as obras do artista José Maria Villaronga. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro*. IHGRJ, Ano 14, Nº 14, 2005, p. 216.

<sup>9</sup> *Echo do Povo* (MG), 1882. Ano 1882\Edição 00043 (1). Fonte: Hemeroteca Digital da BN. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=817040&pasta=ano%20188&pesq=Villaronga&pagfis=171> Acessado em: 20 março 2021.

jornada: as reformas da Igreja-Matriz e as pinturas decorativas da casa dos Alvares de Magalhães, importante clã de cafeicultores de São José do Barreiro, vila que ficava a seis léguas do Bananal.

Em julho de 1871, após concluídos as obras arquitetônicas, pinturas e ornamentos da Matriz do Senhor Bom Jesus do Livramento, Villaronga retirou-se para o oeste da província de São Paulo. Não por acaso, tal mudança estaria diretamente relacionada com a decadência produtiva do Vale do Paraíba, devido à permanente utilização de técnicas inadequadas de plantio e cultivo, o que levou ao uso exaustivo da terra.<sup>10</sup> Somava-se a tais agravos, a questão da abolição, quando em 1871, a Lei do Ventre Livre apontava para o início da crise do regime escravista. A partir da década de 1870, o centro produtivo cafeeiro, localizado inicialmente no Vale do Paraíba fluminense, mudou-se, gradativamente, para o Oeste Paulista, onde crescia e se expandia o cultivo do café, alicerçado pela mão-de-obra imigrante.<sup>11</sup>

E foi em direção a esse novo contexto, que seguiu José Maria Villaronga no momento de seu *turning point*, da virada artística que lhe mudaria as diretrizes da vida pessoal e profissional. Deixava, assim, a família em Valença e a província do Rio de Janeiro, para estreitar nova campanha artística no território paulistano, onde entraria em cena o arquiteto, o empresário, o cenógrafo e o comerciante.



**Figuras 4 e 5:** José Maria Villaronga, **pintura mural decorativa**, sala de jantar da Casa do Barão de Itambé, 1859, Vassouras, Rio de Janeiro. Acervo e autoria: Ana Torem.

<sup>10</sup> Cf. LIMA. **O Ciclo do Café do Vale-Paraibano**. Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense, Tomo I. Instituto Cultural Cidade Viva, 2008, p. 35.

<sup>11</sup> Cf. FILHO, José de Araujo. O café, riqueza paulista. **Portal de Periódicos da AGB**, 1989, p. 78. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br> Acessado em: 28 junho 2021. (742)

## A segunda Campanha do Artista-Empresário, 1871 – 1884

A riqueza gerada pela expansão do café, alicerçada pela mão-de-obra imigrante e pelo desenvolvimento dos transportes, a ampliação do comércio, dos serviços e a urbanização crescente, direcionaram Campinas nos trilhos renovadores do progresso e da modernização, que espelhavam o terceiro quartel dos oitocentos. Nesta cidade Villaronga realizou com grande sucesso, as pinturas decorativas da Loja Maçônica Independência,<sup>12</sup> no final de 1873. Sua carreira em Campinas continuava em ascensão, pois “O talento do insigne artista e irmão Villaronga”,<sup>13</sup> mais uma vez era publicamente enaltecido e descrito na inauguração da Loja, em 30 de janeiro de 1874.

No ano seguinte, já estava concluído o novo pano de boca do Teatro São Carlos de Campinas, pintado pelo “inteligente e insigne artista, já por tantos títulos aplaudido, Sr. José Maria Villaronga”.<sup>14</sup> Neste mesmo ano de 1875, o pintor catalão partia para a capital São Paulo, onde abriu oficina de pintura e loja de tintas. Oferecia através de anúncios periódicos, os mais variados serviços, entre os quais, pintura, douramento, restauro e até mesmo reformas de casas e palacetes.

Na capital, realizou com mérito, as pinturas decorativas do Salão Nobre da Faculdade de Direito de São Paulo, sendo posteriormente, muito prestigiado pelo público mais distinto, que não lhe poupou elogios:

O trabalho do Sr. Villaronga é digno de ser visto e admirado por todas as pessoas que apreciam o brilhantismo e a luxuosa delicadeza da arte a que aquele cavalheiro se dedica, o qual mostrou de quanto é capaz, no desempenho de trabalhos de sua profissão.<sup>15</sup>

Não menos elogiosos foram os comentários acerca das decorações realizadas em 1876, nos dois principais teatros de São Paulo, o São José e o Teatro Provisório. Na província paulistana, Villaronga, pintou, decorou e criou panos de boca para outros quatro estabelecimentos artísticos: o Teatro São João em Taubaté (1877), o Teatro Rink de Santos e o Teatro de Itu (1879), e o Teatro Santa Cecília no Bananal (1880). A carreira de renomado cenógrafo e decorador atingia seu ápice no final da década de 1870.

---

<sup>12</sup> Cf. NETTO, Francisco Stolf. Loja Maçônica Independência, **Nossa História**. Site: Loja Maçônica.org.br.

<sup>13</sup> **Boletim do Grande Oriente Unido e Supremo Conselho do Brasil: Jornal Oficial da Maçonaria Brasileira** (RJ). Ano 1874\Edição 00001-00003 (1). Fonte: Hemeroteca Digital da BN. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=074594&pesq=%22loja%20independ%C3%Aancia%22&pasta=ano%20187&pagfis=1004> Acessado em: 13 julho 2021.

<sup>14</sup> **Gazeta de Campinas**, 12 de julho de 1874. Ano 1874\Edição 00474 (1). Fonte: Hemeroteca Digital da BN. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=091995&Pesq=%22formoso%20teatro%22&pagfis=1915>. Acessado em: 21 setembro 2021.

<sup>15</sup> **Correio Paulistano**, 21 de dezembro de 1875. Ano 1875\Edição 05761 (2). Fonte: Hemeroteca Digital da BN. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=090972\\_03&pasta=ano%20187&pesq=Villaronga&pagfis=6689](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=090972_03&pasta=ano%20187&pesq=Villaronga&pagfis=6689) Acessado em: 3 novembro 2021.

**Figura 6:**

José Maria Villaronga, **pintura mural decorativa**, salão da Fazenda Bom Sucesso, Paraíba do Sul, Rio de Janeiro. Acervo e autoria: Ana Torem.

Esses últimos anos foram igualmente prolíferos na pintura decorativa, visto que Villaronga retornava ao Vale do Paraíba, para realizar mais três grandes projetos: as pinturas da sala de jantar da Fazenda São Lourenço, das salas e do vestíbulo da Fazenda Bom Sucesso, ambas em Paraíba do Sul (provavelmente durante todo o ano de 1878); e as pinturas das salas e salões da Fazenda Rialto, no Bananal, em 1879. Os anos seguintes, contudo, já sinalizavam a decadência inevitável do artista catalão.

Villaronga viria a falecer em setembro de 1894, após uma década de infortúnios, como a morte prematura do filho Thiago (1884) e da esposa Carolina Julia (1889), ambas em Valença. Somavam-se a esses eventos, as dificuldades financeiras, o fechamento de sua “Loja de Belas Artes” e as encomendas cada vez mais diminutas. Os últimos trabalhos de maior relevância do pintor-decorador foram as ornamentações para a missa do Marques de Herval na Catedral da Sé, e o fundo do altar da Igreja da Misericórdia (1884), tendo recebido neste, uma módica quantia pelos seus feitos artísticos.

## Considerações finais

Ao concluirmos este trabalho, devemos salientar, que, no Brasil dois processos históricos interligados foram determinantes para o desenvolvimento da carreira de José Maria Villaronga, a partir de 1850: a lucrativa exploração cafeeira nas províncias do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, durante o período de apogeu do café; e a posterior transferência da produção cafeeira do Vale do Paraíba para o Oeste Paulista, província na qual o pintor catalão estabeleceu-se definitivamente. Ao longo de sua dupla trajetória, criou seu próprio domínio artístico, abriu loja e oficina e durante décadas publicou anúncios nos principais periódicos do Rio de Janeiro e São Paulo, vendendo sua arte e seus produtos exclusivos. Foi também o maior gestor do próprio negócio.

Artista absoluto, Villaronga circulou pelo campo das artes e da arquitetura, foi homem de grande espírito empreendedor, coordenou equipes de artífices, foi requisitado pelos barões do café e pelos republicanos da Paulicéia, e sempre bajulado pelos cronistas de sua época. Na pintura decorativa do século XIX, assinou seu nome como pintor das múltiplas habilidades, pintor da Arte Total.

## Referências bibliográficas

CALABRESE, Omar. **L'Art du Trompe L'oeil**. Traduit de l'italien par Jean-Philippe Follet. Paris: Éditions Citadelles & Mazenod, 2010.

FILHO, José de Araujo. **O café, riqueza paulista**. Portal de Periódicos da AGB, 1989. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br> Acessado em: 28 junho 2021.

GLAISE, N., BERTHELON, Eugène. **Album du Peintre en Batiment**. Travaux Élémentaires Ornaments – Filage. Paris: Ducher & Cie Éditeur, 1875.

LIMA, Roberto Guião de Souza. **Notas sobre as obras do artista José Maria Villaronga**. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro. IHGRJ, Ano 14, Nº 14, 2005.

LIMA, Roberto Guião de Souza. **O Ciclo do Café do Vale-Paraibano**. Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense, Tomo I. Instituto Cultural Cidade Viva, 2008.

MUAZE, Mariana. **O império do retrato: família, riqueza e representação no Brasil oitocentista (1840 – 1889)**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em História. Área de concentração: História Moderna e Contemporânea, 2006.

NOGUEIRA PORTO, L.A. **Villaronga: um pintor esquecido na corte do rei café**. O Estado de São Paulo, São Paulo, 5 de junho de 1977.

KELEN, Denise Van Der. **La peinture décorative selon Van Der Kelen**. Turin: Éditions Vial, 2009.

RIBEYROLLES, Charles. **Brazil Pittoresco**. Vol. I, Rio de Janeiro, Typographia Nacional, 1859.

ROGER-MILÈS, Leon. **La Peinture Décorative**. Rouam: J. Rouam Ed., 1892.

VALVERDE, Mariá Concepción P. **Por tierras de los “barones del café”: caminos brasilenõs de um pintor catalán**. Caminería Hispánica. Actas del V Congreso Internacional de Caminería Hipánica, Valencia, 2000, Tomo I.

ZALUAR, Augusto Emílio. **Peregrinação pela província de São Paulo (1860-1861)**. São Paulo: Editora Itatiaia Ltda., 1975.